

Por uma educação museal militante pela vida: reflexões sobre museus, ciências e memória LGBT

For a militant museal education for life: reflections on museums, science and LGBT memory

Karla Kamylla Passos dos Santos¹
Camila Azevedo de Moraes Wichers²
Paula Cristina de Almeida Silva³

DOI 10.26512/museologia.v1i21.41423

Resumo

O objetivo deste ensaio é refletir sobre a relação entre museus, ciências e memória LGBT. A partir de uma ação educativa voltada a memória LGBT no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), realizada na Semana de Museus do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), em 2021. Essa atividade surgiu da provocação de Jean Baptista e Tony Boita (2014), sobre os museus não atrelarem os dias 18 e 17 de maio, Dia Internacional de Museus e contra a homo/trans/bifobia, respectivamente. No mês seguinte, o MAST organizou uma publicação-convite por museus engajados na luta pela vida das pessoas LGBT, no Instagram e Facebook, que gerou muitos comentários. Evidência de como esse tema é compreendido como “fora de contexto” e “militância” por algumas pessoas, não sem a resistência de outras que compreendem o papel das ciências na luta pela vida, o que torna o MAST mais um espaço profícuo para a Museologia LGBT.

Palavras-chave

museologia LGBT; educação museal; museus de ciências; memória; públicos.

Abstract

The aim of this article is to reflect about the relationship between museums, science, and LGBT memory. From an educational action focused on LGBT memory at the “Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)”, held during the museum week of the “Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)”, in 2021. This activity arose from the provocation of Jean Baptista and Tony Boita (2014), by the fact that museums do not associate the International Museum Day and the Day against homo/trans/biphobia, on May 18th and 17th, respectively. In June 2021, MAST organized a publication inviting museums to fight for the lives of LGBT people, on Instagram and Facebook, which generated a lot of comments. Evidence of how this theme is understood as “out of context” and “militance” by some people, not without the resistance of others who understand the role of science in the struggle for life, which makes MAST another fruitful space for LGBT Museology.

Keywords

LGBT museology; museum education; science museums; memory; public.

1 Mestre em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde/Fiocruz; Doutoranda em Museologia/ULHT; Professora (substituta) no bacharelado em Museologia/UFG; Goiânia, Goiás-Brasil.

2 Doutora e Mestre em Arqueologia (MAE/USP), Doutora em Museologia (ULHT-PT) e graduada em História (USP). Docente do Bacharelado em Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Membro da Rede de Ocupações e Parcerias Acadêmicas (ROPA), vice-coordenadora do Grupo de Estudos Museologia e Interdisciplinaridade (GEMINTER, CNPq) e integrante do Grupo de Pesquisa Museologia e Sexualidade (MusaSex/CNPq). E-mail: camilamo-raes@ufg.br. ORCID <http://orcid.org/0000-0002-8996-7183>. Link para acessar o lattes: <http://lattes.cnpq.br/1268440854810735>

3 Doutoranda e mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG), bacharela em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Integrante dos grupos de estudo e pesquisa Rede de Ocupações e Parcerias Acadêmicas (ROPA), Grupo de Pesquisa Museologia e Sexualidade (MusaSex/CNPq) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (Ser-Tão). E-mail: paula.cristina.de.a.silva@gmail.com, ORCID <https://orcid.org/0000-0002-4502-9646>, Link para acesso ao lattes: <http://lattes.cnpq.br/4967821229251004>.

Por uma educação museal militante pela vida:
reflexões sobre museus, ciências e memória LGBT

Abstracto

El propósito de este ensayo es reflexionar sobre la relación entre los museos, la ciencia y la memoria LGBT. A partir de una acción educativa centrada en la memoria LGBT en el “Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)”, realizada durante la Semana de los Museos del “Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)”, en 2021. Esta actividad surgió de la provocación de Jean Baptista y Tony Boita (2014), sobre museos que no vinculan el 18 y el 17 de mayo, Día Internacional de los Museos y contra el homo / trans / bifobia, respectivamente. Al mes siguiente, lo MAST organizó una publicación por invitación de los museos comprometidos en la lucha por la vida de las personas LGBT, en Instagram y Facebook, que generó muchos comentarios. Evidencia de cómo este tema es entendido como “fuera de contexto” y “militancia” por algunas personas, no sin la resistencia de otros que entienden el papel de la ciencia en la lucha por la vida, lo que hace de MAST otro espacio fructífero para la Museología LGBT.

Palabras clave

Museología LGBT; Educación del museo; Museos de ciencia; Memoria; Públicos.

Introdução

Este ensaio tem o objetivo de refletir sobre a relação entre museus, ciências e memória LGBT a partir de uma ação educativa voltada a memória LGBT no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). Essa atividade, realizada na Semana de Museus do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), em maio de 2021, surgiu da provocação de Jean Baptista e Tony Boita (2014), que questionam o motivo dos museus não atrelarem o Dia Internacional de Museus, 18 de maio, com o dia 17 de maio, data alusiva ao combate a homofobia, adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU). Além dessa atividade, examinamos, neste ensaio, uma publicação-convite, assinada por três pessoas LGBTs convidadas pelo museu, que objetivou explicitar que a luta pela vida das pessoas LGBT é um assunto a ser abordado por todos os museus. Essa publicação se deu no *Instagram* e *Facebook* do MAST, gerando debates do público nos comentários.

Optamos pela sigla LGBT por “Estar vinculada às políticas públicas na América Latina”, de acordo com Jean Baptista, Tony Boita e Camila Moraes Wickers (2020: 5). A sigla se refere a Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais, mas não pretendemos invisibilizar outros corpos e identidades que fazem parte dessa comunidade, que cresce a cada dia em uma expansão da luta.

Aqui nos interessa a democratização da memória na vivência museal, como escreveram Jean Baptista e Tony Boita (2014). As ações educativas na pandemia passaram a ser online, o que inclui pessoas além do território de cada museu. Ao mesmo tempo, essas ações excluem pessoas que não tem acesso à internet. No caso do MAST, as pessoas LGBT também não eram contempladas nas ações presenciais e tampouco *online*. De acordo com Karlla Kamylla Passos dos Santos *et al.* (2021), o público com deficiência é excluído, tanto no presencial como no *online*, tal qual pessoas LGBT, negras e pobres. Isso porque raça, gênero, sexualidade e outros marcadores sociais das diferenças são eixos de subordinação impostos pela colonialidade, o que também faz dos museus espaços por vezes LGBTfóbicos, racistas, capacitistas e elitizados.

Apresentamos, portanto, uma reflexão sobre memória LGBT nos museus, a partir da educação museal. Para isso, vamos detalhar duas ações realizadas no MAST, sobre a temática. A primeira, a roda de conversa ‘O Futuro dos Museus: Recuperar e Reimaginar uma Museologia LGBTQI’, em maio. A segunda, no mês seguinte, uma publicação nas redes sociais do museu que gerou bastante debate nos comentários. A análise dessas atividades é importante para pensar o MAST e outros museus ‘normativos’ como fundamentais na luta por todas as vidas.

Museus, ciência e a imposição da norma colonial

Museus de ciências parecem silenciar ainda mais diante de debates decoloniais que questionam raça, gênero, sexualidade e a ordem econômica imposta pela colonialidade, uma vez que essas instituições seguem, muitas vezes, ancoradas na afirmação de um sujeito racional e neutro, único capaz de construir o conhecimento científico. Os museus, assim como todo produto cultural, são frutos de questões históricas, sociais e políticas. Durante muito tempo acostumou-se com um modelo museal hegemônico, que representa a realidade e constrói memória a partir de uma perspectiva masculina, ocidental, branca e heterossexual, ou seja, da norma perpetrada pela colonialidade. E que, justamente por ser hegemônico, procura meios eficientes através dos quais silenciar a efervescência social contemporânea de grupos minoritários, ou melhor dizendo, marginalizados pelo sistema e suas instituições.

O silêncio em relação ao público LGBT também marca esses espaços. Assim, as pessoas que seguem o MAST nas redes sociais estranharam as ações que o museu realizou sobre esse tema. Questionaram qual a relação da astronomia e das ciências com aquele debate. Apesar da antipatia manifestada por parte do público-alvo, cabe ressaltar que

Começa-se a desenhar no Brasil a possibilidade de falarmos de uma museologia protagonizada por LGBT's [...] composta por um dos mais importantes pronomes da contemporaneidade, o *nós* [...] que nos permite falar em coletivo, referenciar o pertencimento a uma comunidade unida por critérios de orientação sexual e afetiva [...] dotada de um sistema próprio de elementos culturais, de demandas singulares e, sobretudo, interessada na superação da homofobia. (BAPTISTA; BOITA, 2014: 178, marcação dos autores).

Ampliando os debates, somamos esforços argumentativos junto aos autores e deixamos claro que cada vez mais musealisaremos e educaremos contra a LGBTfobia. Falaremos sobre esse assunto em todos os museus, independentemente de sua tipologia, se são 'tradicionais' ou comunitários. Além de contribuições científicas, quando desenvolvido com seriedade e ética, esse debate possibilita importantes transformações sociopolíticas uma vez que, segundo Baptista e Boita (2014), ao trabalhar a memória de forma mais ampla, valorizando e incentivando as diferenças culturais e sociais, contribuímos no combate a LGBTfobia. E, para reforçar ainda mais o caráter indispensável deste debate deve-se lembrar que o Brasil é o país que mais mata LGBT's no mundo⁴. Refletir sobre esse e outros temas é urgente, e a Museologia tem um papel central na construção de novas referências, de acordo com as discussões atuais da sociedade.

Como aponta Thainá de Castro (2020: 21), a composição da Museologia no Brasil é caracterizada pela "construção de discursos históricos e artísticos cisgêneros, heteronormativos e racistas", e que ainda grande parte dos museus tem o discurso de uma história única em relação à diversidade sexual e identidade de gênero. Nesse sentido, importante nos ater à reflexão proposta por Chimamanda Adiche (2009)⁵, ao destacar as tramas que permeiam a história única, bem como suas relações de poder que determinam quantas, como e quais histórias serão contadas. Destaca, ainda, que o poder é tamanho a ponto não só

4 Brasil é o país que mais mata LGBTs no mundo. Disponível em: <http://www.sintcompr.org.br/Noticia/21890/brasil-e-pais-que-mais-mata-lgbts-no-mundo> Acesso em: 01 nov. 2021.

5 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs24Izeg&t=50s> Acesso em: 29 dez. 2021.

Por uma educação museal militante pela vida:
reflexões sobre museus, ciências e memória LGBT

de contar a história de outras pessoas, mas de constituir, inclusive, uma versão definitiva sobre essa alteridade.

Nesse diapasão, nosso labor cotidiano é aquele em prol de uma museologia que privilegia a multiplicidade de histórias, memórias e vidas. Partimos da Museologia Social/Sociomuseologia como um espaço de diálogo e reflexão, onde a educação museal tem papel singular, associando os temas de estudo às problemáticas sociais contemporâneas, como apontou Judite Primo (2019: 3). E são essas museologias feitas pelas e para as populações marginalizadas, tais como a Museologia LGBT, Museologia Sapatão, Museologia Feminista, sem deixar de mencionar as Museologias afirmativas, a partir de Suzy Santos (2017: 91), “referentes a grupos específicos, que evidenciam os lugares de fala em primeira pessoa”.

Entendemos que, da mesma forma que não cabe mais falar em uma história única (ADICHE, 2009), por tudo de opressor que essa ideia reitera e ratifica, de igual modo, inclusive pelos mesmos argumentos, não cabe mais falar em uma única museologia para tratar da diversidade cultural presente no nosso país. A Museologia como o estudo da construção das memórias, bem como prática de intervenção na arena patrimonial e mnemônica não pode continuar nos silenciando.

Um dos esforços que se tem percebido na contribuição a esse debate vem da contribuição de Camila Moraes Wichers (2018: 140), que realiza uma leitura feminista interseccional do fato museológico proposto por Waldisa Rúsio, evidenciando que a museologia estuda a relação entre PESSOAS, em toda a sua “fluidez das identidades”, considerando a “intersecção entre gênero, raça e classe... e outros marcadores sociais”, COISAS e referências patrimoniais, em ESPAÇOS diversificados em torno da Memória, salientando a importância da alteração do discurso/ linguagem e a crítica ao sujeito masculino, racional, pretensamente neutro.

Outra referência importante que deve guiar esse debate é a legislação. O Estatuto de Museus (BRASIL, 2009), embora não seja claro, fala de diversidade cultural em seu artigo 2º, arrolando como um dos princípios fundamentais dos museus: “V – a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural”. Ademais, museologias adjetivadas, que lutam contra a norma, fazendo a crítica a uma narrativa mnemônica única, onde apenas o homem cisgênero, heterocentrado, branco, proprietário e cristão tem espaço, vem ao encontro das prerrogativas já estabelecidas na Constituição Brasileira de 1988, tão fragilizada no contexto atual, mas que garante o pleno exercício dos direitos culturais em seu Artigo 215.

A política de museus inaugurada em 2003, que culminou no Estatuto dos Museus, também oportunizou a construção da Política Nacional de Educação Museal (PNEM). Não obstante, o Caderno lançado em 2018 pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)⁶, ou seja, há menos quatro anos, não menciona a sigla LGBT ou a expressão “gênero”. Mas como já alertamos, embora sutil e disfarçado de neutralidade, esse silenciamento é voluntário e planejado. É através dele e da recusa ao debate que as instituições museais apagam e invisibilizam outros sentires e devires, outras histórias, memórias, lutas, cosmologias, outras vidas afinal.

Acreditamos que é fundamental debater esse e outros assuntos urgentes, tais como racismo e capacitismo, por exemplo, nas atividades educativas dos

6 Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf> Acesso em 02 nov. 2021.

museus. E lembrar que a educação para a cidadania não é de responsabilidade só das educadoras, mas sim de toda a instituição e prática museal.

Conversando no MAST sobre o futuro dos museus e a Museologia LGBT

O Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) foi criado em 1985 e está localizado no Morro de São Januário, no bairro histórico de São Cristóvão, Rio de Janeiro (RJ), instalado em um *campus* com mais de 40 mil m², junto com o Observatório Nacional (PASSOS DOS SANTOS *et al*, 2021). O Museu é uma instituição pública ligada ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), que pertence à administração direta do governo federal do Brasil.

O MAST se destaca em algumas ações pensadas por sua equipe educativa, mas ainda se esforça para um modelo mais participativo, dialógico, democrático e atualizado com as demandas da sociedade atual. Outrossim, ainda de acordo com as autoras Karlla Kamylla Passos dos Santos *et al*, “Fez-se e ainda se faz um grande esforço, no sentido de migrar dos modelos de déficit de conhecimento dos anos 1980, para um modelo mais participativo e dialógico nas práticas educativas, a partir dos anos 2000” (2021: 170). Esta reflexão das autoras tem total relação com as atividades que serão relatadas neste texto.

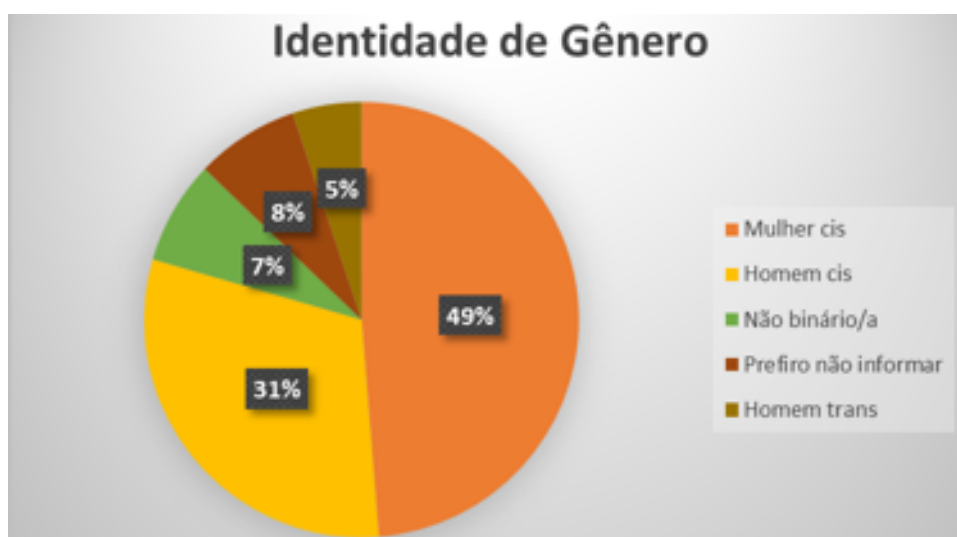
As ações no MAST surgiram a partir das provocações de Baptista e Boita, onde questionam: “O que impede de associar o dia 18 de maio, dia internacional dos museus (ICOM), ao dia 17 de maio, data alusiva ao combate à homofobia adotada pela ONU?” (2014: 177 e 178). O trecho inspirou uma das autoras, que atuava como bolsista do Programa de Capacitação Institucional (PCI) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na Coordenação de Educação e Popularização da Ciência (COEDU), a trazer esse debate para o MAST. A profissional organizou parte das atividades do Museu durante a 19ª edição da Semana de Museus que aconteceu entre os dias 17 e 23 de maio de 2021, com o tema “O futuro dos museus: recuperar e reimaginar”. Então, o questionamento de Baptista e Boita foi reformulado para “Como pensar o futuro dos museus sem uma museologia LGBT?”

A partir disso, foi organizada uma roda de conversa, na plataforma Google Meet, com o tema: “O Futuro Dos Museus: Recuperar e Reimaginar uma Museologia LGBTQI” com a participação de Jean Baptista (professor do curso de Museologia da Universidade Federal de Goiás - UFG), Lucy Gomes (profissional do Museu da Amazônia, divulgadora da ciência) e Paula Cristina de Almeida Silva (doutoranda em Antropologia Social pela UFG). Foi pensada uma curadoria buscando uma maior representatividade dentro da comunidade LGBT, contemplando profissionais cientistas/pesquisadoras que abordassem o tema em suas pesquisas e/ou prática profissional, pessoas que não necessariamente estivessem em evidência no debate sobre museologia LGBT e a participação de pessoas não brancas, além de não serem da região Sudeste. A escolha pela roda fechada, com a participação condicionada a inscrição, foi devido ao fato de ser a primeira proposta da educadora nesse sentido e pela inexistência de ações parecidas no MAST, além da possibilidade de reação de *haters* contra a temática. Existia um medo de que a atividade não fosse aprovada pelo Museu, uma vez que é preciso enviar as propostas de atividade, antecipadamente, para o setor de comunicação da instituição, para que organizem a programação e divulguem nos meios de comunicação e redes sociais.

Por uma educação museal militante pela vida:
reflexões sobre museus, ciências e memória LGBT

A divulgação da atividade foi realizada, de maneira oficial, a partir das redes sociais e site do MAST⁷, embora não tenham divulgações específicas para cada atividade, o que dificulta o público ter acesso a cada uma. Também por isso, as pessoas que organizaram e participaram da roda também divulgaram em suas redes e grupos de *WhatsApp*. O formulário de inscrição foi feito para ter o e-mail das pessoas interessadas para envio do *link* da sala privada, mas foi também um caminho para saber algumas informações das respondentes. Mesmo nos propondo à ampliação dessas discussões, infelizmente não nos atentamos precocemente a uma falha no formulário de inscrição que nos impossibilitou de quantificar as pessoas que se autodeclararam homossexuais, dividindo-as entre gays e lésbicas, por exemplo. No total foram 39 pessoas inscritas, ainda que nem todas tenham estado na conversa. Sobre a identidade de gênero, a maioria relativa, 49%, se identificou como mulher cisgênero. Mesmo que tenha tido uma predominância de mulheres e homens cisgênero, devemos celebrar a inclusão e inscrição também de homens trans e não binário/a.

Figura 1: Identidade de gênero das pessoas inscritas.

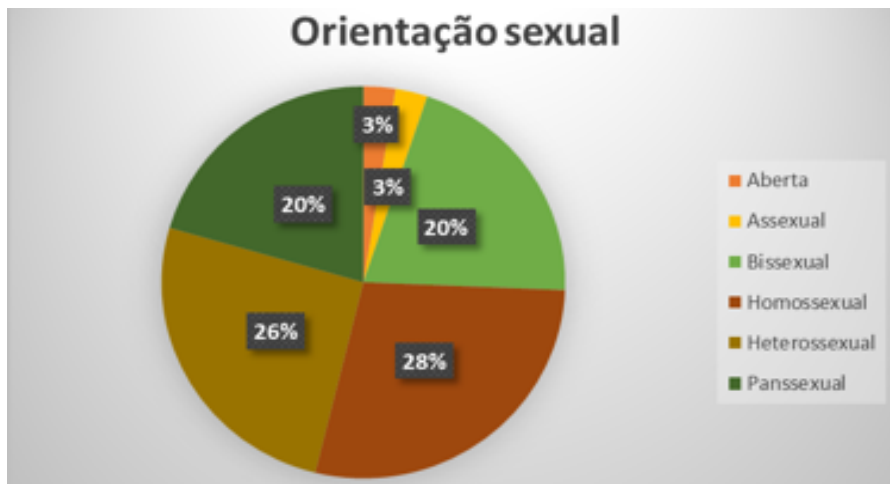


Fonte: Formulário de inscrição, elaboração das autoras.

A maioria das pessoas inscritas, 54%, tem entre 18 e 29 anos, 31% entre 30 e 39, 10% entre 40 e 49, 5% entre 50 e 59 anos de idade. Em termos raciais, 51% das pessoas se autodeclararam brancas, 31% pardas e 18% pretas – totalizando, conforme os parâmetros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 49% de pessoas negras. Assim, teve uma pequena maioria de pessoas que se declararam brancas. Quanto a orientação sexual, a maioria, 28% se autodeclarou homossexual, lembrando que não nos foi possível distinguir gays e lésbicas. Ainda tivemos inscrição de pessoas com orientação sexual aberta, assexual, bissexual e pansexual, sendo significativa a participação dessa última identificação.

7 Para ver mais, dois links com o texto de divulgação geral sobre a semana: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/rede-mcti/mast/assuntos/noticias/2021/maio/19a-edicao-da-semana-nacional-de-museus> e outro que é a programação detalhada: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/rede-mcti/mast/imagens/noticias/2021/maio/programacao-snm-mast-2021.pdf> Acesso em 27 dez. 2021.

Figura 2: Orientação sexual das pessoas inscritas



Fonte: Formulário de inscrição, elaboração das autoras.

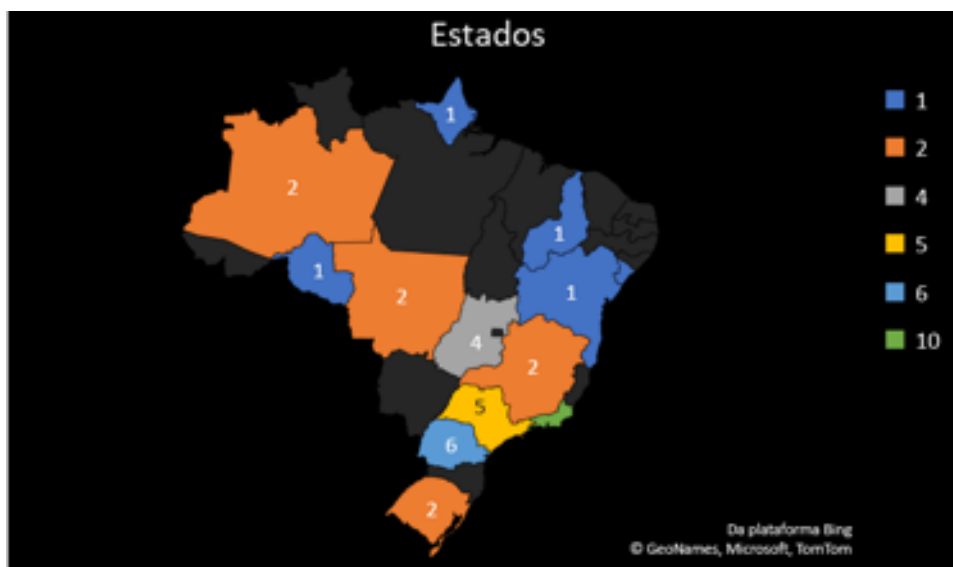
A presença de 26% de pessoas que se identificaram como heterossexuais é um dado interessante, posto que ainda que não sejam protagonistas na luta da comunidade LGBT, essas pessoas também devem se envolver nesse debate, como aliadas para a construção de uma sociedade não fóbica. Uma das coautorias do presente texto advém dessas alianças, em especial, quando falamos a partir do lugar de mulheres periféricas, não brancas e feministas.

Os gráficos apresentados evidenciam que “*museologias* com outras perspectivas estão a brotar, conforme a possibilidade de apropriação dos grupos que pertencem a identidades escamoteadas nas leituras clássicas da memória nacional” (BAPTISTA; BOITA, 2014: 181, marcação dos autores). Ou seja, a partir do momento que ações como essa são oferecidas aos públicos, criamos a possibilidade de que se expressem de forma livre e na primeira pessoa, sem censura ou julgamento, com informações como orientação sexual e identidade de gênero. Essa é uma das formas do nosso fazer científico, preocupadas com a ética, e por isso mesmo, é um labor que trata de gente, e luta pelo direito a vida de *todes*. A criação desses espaços e momentos de acolhida não garante somente voz e visibilidade a grupos marginalizados socialmente, mas garante também dignidade e contribui para a construção de memórias. É esse, um dos caminhos pelos quais as novas museologias saem das sombras impostas pela museologia normativa e pela pseudoneutralidade científica, já problematizada por Donna Haraway (1995).

Sobre a unidade federativa das pessoas, 10 pessoas eram do Rio de Janeiro, seis do Paraná, cinco de São Paulo e quatro de Goiás, os demais estados presentes com uma ou duas pessoas representando. Mas tivemos inscrições de todas as regiões do país. Como a atividade foi *online* e teve convidadas de Estados diferentes, acreditamos que isso tenha ampliado o interesse de pessoas além do Rio de Janeiro. No mapa abaixo, é possível visualizar o alcance da atividade no país, apenas os estados na cor mais escura que não tiveram inscrições.

Por uma educação museal militante pela vida:
reflexões sobre museus, ciências e memória LGBT

Figura 3: Mapa com os estados de origem das pessoas inscritas marcados com as cores correspondente a quantidade.



Fonte: Formulário de inscrição, elaboração das autoras.

Para encerrar esta apresentação de informações, temos a resposta a pergunta ‘Quais temas você gostaria de ver presentes no debate?’ Para apresentar de maneira mais visual elaboramos uma nuvem de palavras, onde são ressaltadas as palavras mais repetidas por quem respondeu. É possível perceber várias siglas referente a comunidade LGBT, deixamos propositalmente para mostrar os vários entendimentos por parte de quem se inscreveu.

Figura 4: Nuvem de palavras com os temas que as pessoas gostariam de ver presentes no debate



Fonte: Formulário de inscrição, elaboração das autoras a partir da plataforma wordclouds

A partir da imagem, podemos destacar “história” e “patrimônio” na parte laranja. Na amarela “sociais”, “memória” e “ciência”. Na parte verde, “museus”, “educação”, “sociedade”, “gênero”, “LGBTQI” “espaços” e “movimentos”. Na parte azul, “representatividade”, “diversidade” e “pensamento”. Na última parte gostaríamos de evidenciar “queer”, “fortalecimento”, “futuro”, “envolvendo”, “legal”, “ambiente”, “gostaria”, “público”. A partir dessas palavras, é possível ver que existe um público pedindo por essa temática e que precisa ser ouvido pelos museus, todos os museus.

A roda de conversa aconteceu sem que ocorressem problemas, como invasões, o que era uma preocupação da organização, tendo em vista a recorrência de ataques a esse tipo de atividade. A roda foi dividida em dois momentos principais, o primeiro onde três pesquisadoras e cientistas integrantes da sigla LGBTQIA+ levaram suas próprias reflexões a partir de seus campos de pesquisa para compartilhar com os presentes, e um segundo momento, com participação e intervenção do público para pensarmos juntas os desafios e estratégias para a construção das memórias LGBT. Foi um momento importante de troca de afetos, reconhecimento de humanidades e diferenças, valorização e empoderamento para quem estava presente.

Uma pesquisadora do MAST e responsável, naquele momento, pela comunicação do museu, Moema Vergara, participou e a partir disso, as pessoas envolvidas foram convidadas a elaborar um texto para um *post* sobre o tema nas redes sociais, abordaremos essa ação a seguir.

Uma publicação-convite nas redes do MAST

Foi publicado o texto intitulado “Um Convite Para a Vida Toda”, de autoria de Paula Cristina de Almeida Silva, Jean Baptista e Karlla Kamylla Passos, e uma imagem, nas redes sociais do Museu, no dia 19 de junho⁸.

Figura 5: Publicação “Um Convite Para a Vida Toda” no Instagram do MAST



Fonte: Instagram do MAST.

8 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQT6PEspKl/> Acesso em 01 nov. 2021.

Destacamos o seguinte trecho do texto:

O convite que procuramos fazer a vocês é que este mês de junho, renove em nós a coragem para combater tudo aquilo que nos subalterniza e mata, de tão variadas formas. Um convite à construção de fissuras nas relações de poder que nos negam acesso aos direitos básicos, direitos humanos. É um convite, em especial, para as mulheres lésbicas, travestis, transexuais, pessoas queer e não binárias, já tão apagadas pelo patriarcado e machismo, para firmarmos o compromisso político de ocuparmos todos os espaços de poder.

O convite apresentado pelas pessoas autoras do texto é uma mensagem a favor dos direitos humanos, uma defesa dos corpos violentados pela norma e de suas memórias. Corpos e experiências classificados pela ciência, durante tanto tempo, como “anormais”. Ora, a ciência compôs o aparato da modernidade/colonialidade, definindo a norma. Por seu turno, os museus se estabeleceram ao longo do século XIX como espaços de produção científica, por isso, museus e ciência estão interligados (WICHERS, 2010), e não podem se furtar a esse debate pois são parte da enunciação desse discurso normativo. Os museus de ciências, como o MAST, são herdeiros de uma determinada forma de fazer científico. Por isso é urgente trazer para os museus, todos os museus, as demandas das pessoas LGBTs e suas contribuições para a ciência. Infelizmente, a publicação nos mostrou que essa compreensão ampliada do fazer museal e científico está longe de ser uma realidade nos públicos dos museus.

No *Facebook*, a imagem gerou 60 curtidas ou ‘amei’, nove comentários e 10 compartilhamentos, sendo que os comentários estiveram restritos a perfis de profissionais de museus e/ou estudantes de Museologia que se posicionaram favoravelmente ao debate. Mas no *Instagram* a publicação causou controvérsia entre pessoas apoiadoras e outras questionando o tema ser discutido em um museu de astronomia e ciências. A publicação teve mais de 2.360 curtidas e mais de 300 comentários. Tal fato mostrou para parte da equipe do Museu que a instituição precisava falar mais sobre o assunto⁹.

Cabe destacar que a roda de conversa foi uma das últimas atividades organizada e mediada pela educadora que a idealizou, que estava em processo de saída do Museu. Então o post foi idealizado e organizado por Moema Vergara e a equipe de comunicação do MAST. A construção do texto que compôs o post foi verificada pelo Museu e passou por modificações a pedido da equipe. O momento atual brasileiro é marcado por várias formas de censura vindas do governo federal aos órgãos subordinados diretamente, coisas como divulgação de eventos só com a aprovação prévia da secretaria de cultura.

Examinando os comentários à publicação do texto “Um Convite Para a Vida Toda”, no *Instagram*, observa-se que os perfis que se posicionaram contra o post do museu são majoritariamente de homens brancos, a julgar pelos nomes e pelas imagens dos perfis, mas também notamos perfis genéricos, que não permitem essa análise e alguns perfis associados a nomes e imagens de mulheres. Os comentários contra a publicação apontam que a temática LGBT seria uma “militância”, um “vitimismo”, uma “politização”, uma postura “esquerdista” do museu e um tema “fora de contexto”. Afirmam que o perfil do MAST deveria trazer a astronomia e que recursos públicos não deveriam ser direcionados ao

9 O MAST organizou outra atividade com o tema, intitulada “A mirada LGBTQI+ nos museus: heranças de uma luta”, convidando Bruno Brulon e como mediadora uma das autoras do texto. A atividade aconteceu no canal do MAST no YouTube, no dia 29 de junho, marcando o mês do orgulho LGBTQI+ no MAST. A atividade teve quase 200 visualizações e 45 curtidas.

debate LGBT – uma vez que o museu é público e federal. Segue uma das postagens nesse sentido:

Museus (pelo menos os financiados com dinheiro público) não são locais para política ou militância. Devem ser locais neutros neste ponto de vista, já que servem à toda a população, e não apenas à determinada classe política. Do contrário é autoritarismo, imposição. E devem respeitar a todos, independentemente de suas preferências pessoais, sejam elas quais forem!

Interessante como o lugar pretensamente neutro do discurso científico é ativado nas postagens contra a defesa da memória LGBT, o que mostra a reprodução da colonialidade, como afirmamos anteriormente. O elitismo também fica patente quando uma das pessoas afirma que “museus são como shoppings”, onde todas as pessoas entrariam, sem exclusões. Mas não adianta as pessoas entrarem se não tem condições de usufruírem do capital cultural daquele lugar, isso se trata de justiça social.

Quando analisamos as postagens quantitativamente verificamos que um número maior de perfis foi favorável ao debate. Observamos que profissionais e estudantes de Museologia também estiveram presentes na defesa de uma museologia pela vida LGBT, sobretudo, mulheres e homens *gays*. Por seu turno, os mesmos perfis LGBTfóbicos publicaram diversas mensagens e respostas, quase sempre com o mesmo conteúdo e mesma argumentação, sempre violentas.

Sendo a expressão “militância” o termo mais ativado nas ofensas, esse dado requer análise. Militância, uma palavra que sem esforço remete a militar, ao que é bélico, ao que sobrepõe uma vida à outra, uma liberdade à outra. Isso é a guerra, um intento que sempre irá sujeitar o grupo vencido à força e domínio financeiro, intelectual e cultural do grupo vencedor. Por isso, propomos uma releitura do entendimento que se tem sobre o que se tem convencionalmente chamado militância. Não propagamos a morte e extermínio do Outro, até porque é na diferença que construímos uma ciência que faz sentido, com gente dentro. São esses encontros nas diferenças que possibilitam a reconstrução de memórias e histórias inspiradoras, encorajadoras, narradas nas primeiras pessoas. Isso é reafirmar uma ciência como prática pela vida dos corpos subalternizados cotidianamente pela norma.

Considerações finais

Defendemos aqui que haja cada vez mais discussões dentro da museologia brasileira incluindo a comunidade LGBT, negra, periférica, com deficiência e todos os outros marcadores que afastam as pessoas dos museus, dos patrimônios e da memória coletiva. Que os cursos de museologia, todos, tenham disciplinas obrigatórias que falem sobre essas temáticas, a exemplo do curso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que estabeleceu a disciplina ‘Museologia e Diversidade’ em seu currículo de forma obrigatória, desde 2019. Ainda destacamos a *live* ‘Pesquisa, Ensino e Extensão em Museologia LGBT +: recomendações para superação de fobias a identidade de gênero e orientações sexuais dissidentes na formação museológica’, no III Encontro Virtual da Rede de Professores e Pesquisadores em Museologia realizado em novembro¹⁰. Com a presença dos professores e pesquisadores Jean Baptista e Camila Moraes Wichers (UFG), Marlise Giovanaz (UFRGS), Tony Boita (Revista Memórias LGBT),

10 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=67AwZBC6N6E> Acesso em 27 dez. 2021.

Por uma educação museal militante pela vida:
reflexões sobre museus, ciências e memória LGBT

Jezulino Braga (UFMG), Thainá Castro (UFSC) e Clóvis Britto (UnB), e mediação da Anna Paula da Silva (UFBA). Ainda que muitas vezes as discussões sobre Museologia LGBT sejam tomadas por homens cisgênero e gays, todas são vistas como avanços para uma área tão elitista e excludente. Também não ignoramos a existência de ações voltadas para o público e debate LGBT, como no Museu de Favela Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (MUF)/RJ. E de Museus brasileiros sobre essa temática, como o Museu da Diversidade Sexual (MDS)/SP e Museu Bajubá, inicialmente *online*. Mas deve-se fazer a crítica de que essas ações e instituições, assim como as discussões, muitas vezes se voltam mais para o público masculino, de homens cisgênero e gays.

As ações no MAST, aqui relatadas, mostraram uma possibilidade para museus 'tradicionais' passarem a discutir a museologia LGBT e propor atividades educativas a fim de contribuir com a diminuição da violência que essa comunidade sofre. Para o MAST foi um começo tímido e sem continuidade, porque infelizmente ações como a relatadas aqui ainda estão muito personificadas, isto é, ainda depende muito do esforço individual de cada profissional. No caso do MAST, como dito, uma destas Autoras foi a promotora do debate no âmbito daquela instituição, mas como a ação não foi verdadeiramente abraçada pela instituição, até o momento não se tem notícias de continuidade nas ações educativas de enfrentamento à LGBTfobia. Cabe destacar que não basta propor atividades apenas em junho, por ser mês do orgulho LGBT. O debate precisa ser constante, incansável, no entanto ainda é pouco explorado por museus como o MAST.

Sugere-se aos Museus que promovam conversas com as pessoas LGBT que compõem a sua equipe, cientistas da área da astronomia e ciências afins que pertencem a comunidade. É a equipe de trabalho que faz o museu acontecer. Incentivem, fomentem, valorizem e assistam ao desenvolver das genialidades da equipe, vamos celebrar os potenciais Alan Turing¹¹ e Sally Ride¹² que foram cientistas da área.

A integração, acolhida e valorização destes profissionais podem ser iniciadas através de rodas de conversa, lives abertas, oficinas, e várias outras dinâmicas educativas possíveis. Basta empatia, civilidade e boa vontade para ir à luta, como a comunidade LGBT vai, todos os dias.

Para não concluir, deixamos outro questionamento de Baptista e Boita, "Mas e você, profissional de museus-patrimônio-memória, o que tem feito no que diz respeito à inclusão LGBT?" (BAPTISTA; BOITA, 2014: 189).

Referências

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Protagonismo LGBT e museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero. *Cadernos do CEOM* - Ano 27, n. 41 - Museologia Social. 2014.

11 Alan Mathison Turing (1912-1954), foi um matemático e criptógrafo inglês, considerado atualmente como o pai da computação. Ficou muito conhecido como um dos responsáveis por decifrar o código utilizado pelas comunicações nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Assumidamente homossexual, foi condenado à castração química e morreu por envenenamento, a homofobia mata. Referência: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/06/17-fatos-e-curiosidades-sobre-vida-do-alan-turing.html>, acesso em 29/12/2021.

12 Sally Kristen Ride (1951-2012) foi uma mulher lésbica, física e astronauta da NASA.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony.; WICHERS, Camila A. de. Moraes. O que é Museologia LGBT?. *Revista Memórias LGBT*, v.7, p. 4 - 9, 2020. Disponível em <https://memoriaslgbt.wpcomstaging.com/edicao-atual/> Acesso em 01 out. 2021.

BRASIL. LEI Nº 11.904, 14 de janeiro de 2009. Estatuto de Museus. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/LI11904.htm>. Acesso: 11 de jul. 2015.

CASTRO, Thainá. Ensino em Museologia e problemáticas metodológicas para uma Museologia LGBT: caminhos para uma política de acervos no Museu da Diversidade Sexual. *Revista Memórias LGBT Expediente Ano 7 – ed. 12. 2020.*

GIOVANAZ, Marlise. Experiências do Curso de Museologia da UFRGS no Universo LGBT. *Revista Memórias LGBT Expediente Ano 7 – ed. 12. 2020.*

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5) 1995: p. 07-41.

PASSOS DOS SANTOS, Karlla Kamylla; KUNZLER, Josiane; CAZELLI, Sibebe; ELIAS, Simone Santana Rodrigues. Inclusão no Mast: formação em acessibilidade cultural em tempos de pandemia. In: ROCHA, Jessica Norberto (org.). *Acessibilidade em museus e centros de ciências: experiências, estudos e desafios*. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj/Grupo Museus e Centros de Ciências Acessíveis (MCCAC), 2021.

SANTOS, Suzy da Silva. *Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Museologia. São Paulo, 2017.

WICHERS, Camila A. de Moraes . *Museus e Antropofagia do Patrimônio Arqueológico: (des) caminhos da prática brasileira*. Tese de Doutorado em Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2010.

WICHERS, Camila A. de. Moraes. Museologia, feminismos e suas ondas de renovação. *Museologia & Interdisciplinaridade*. Vol. 7, nº 13, 2018.